

Masoquismos e seus destinos no Homem dos Lobos

Sander Machado da Silva¹

PARA INTRODUZIR O MASOQUISMO

O masoquismo, afirma Freud (1924), é um fenômeno *enigmático*. Isto na medida em que provoca uma inflexão no princípio do prazer, pois, em sua lógica peculiar, a satisfação masoquista é encontrada na dor ou outras formas de sofrimento. Com efeito, a economia reguladora do funcionamento psíquico é colocada em situação, no mínimo, controversa.

Daí o problema econômico do masoquismo que dá nome ao artigo freudiano de 1924, já no contexto da segunda tópica e do último dualismo pulsional. É precisamente em torno desses desenvolvimentos metapsicológicos que o masoquismo ocupa uma posição estratégica: por um lado, foi uma de suas condições de possibilidade e, de outro, é somente nesse cenário que terá seu estatuto perlaborado por Freud.

Contudo, esta construção se estabelece por meio de um longo e sinuoso percurso na obra freudiana, atravessada, como é de se esperar, por diversas linhas de trabalho. E, justo em função disso, opto estrategicamente por investigar os destinos do masoquismo no Homem dos Lobos, pois é nesse historial clínico que os mais diversos fios se cruzam e janelas se abrem. Nas páginas que se seguem, essa escolha falará mais por si mesma.

¹ Psicanalista em formação, Membro provisório do CEPdePA. Co-organizador do livro *“Interloquções na fronteira entre psicanálise e arte”*, Artes & Ecos, 2017.

Tendo em vista a dimensão desse desafio, incluirei aqui apenas mais dois tópicos introdutórios: acerca da escolha do tema e da origem do significante masoquismo. Em seguida, trilharei os rastros dessa trama conceitual nos escritos freudianos. Na melhor das hipóteses, fazendo-os trabalhar.

Para dizer sem rodeios, essa investigação derivou da presença do masoquismo, em sua relação com compulsão à repetição, no cotidiano da clínica. Isto, bem entendido, através de roupagens mais ou menos sutis, conforme a apresentação do masoquismo nas diferentes estruturas psíquicas. Por essa via, pretendo interrogar a forma obstinada com que certos sujeitos repetem dolorosas vivências.

Isso, evidentemente, é feijão com arroz no ofício psicanalítico. Mesmo assim, e talvez por isso mesmo, me pareceu uma questão essencial. Além disso, ousando aqui uma fotografia panorâmica do mal-estar atual, considerando-se hipótese de que o sujeito contemporâneo se vê presa de um desalento (BIRMAN, 2006), o pacto sadomasoquista se oferece como promessa de salvaguardas e gozo. É em torno desse estado de coisas que, talvez, se possa pôr em relação o fato clínico do masoquismo e o sintoma social da servidão voluntária. Figura essa que retorna travestida de fundamentalismos religiosos e políticos na cena atual. Daí a persistência e abrangência do tema no âmbito da cultura.

Dito isso, salto na direção da nomeação do masoquismo enquanto tal. No ano de 1886, em Viena, Richard von Krafft-Ebing publicava sua *Psychopathia Sexualis*, um tratado acerca das, assim chamadas, aberrações sexuais. Através de uma releitura desse clássico da medicina vitoriana, Freud (1905) introduz o primeiro dos “*Três ensaios*” da *Sexualtheorie*. Nota-se aí mesmo, na musicalidade desses títulos, a ampliação da noção de sexualidade que é operada em psicanálise. Com efeito, não há uma ruptura entre a “sexualidade comum” e a psicopatologia, mas um *continuum*.

Enfim, é no compêndio de Krafft-Ebing (1886/2001) que se inscrevem as perversões sádica e masoquista nesses termos pela primeira vez. Isto ocorre em referência direta à literatura de Marquês de Sade e de Leopold von Sacher-Masoch, respectivamente. No tocante ao segundo, o contundente romance “*A Vênus das peles*” (1870/2015) torna-se uma espécie de bíblia dos fenômenos masoquistas e, por essa via, o sobrenome do escritor é incluído no bestiário das perversões sexu-

ais. Não sem submetimento, pois Sacher-Masoch contestou essa utilização de sua obra, porém, essa já é outra cena.

PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES (1900-1919)

No subversivo “*Três ensaios sobre teoria da sexualidade*” Freud (1905) introduz os conceitos de sexualidade infantil e de disposição perversa polimorfa. É a através desse arranjo teórico que Freud nomeou o desenvolvimento da libido de psicosexual. Nesse contexto, apresenta o sadismo e o masoquismo como pulsões de crueldade ativa e passiva, isto é, enquanto atitude de infligir ou submeter-se à dor associadas ao prazer.

Derivam daí dois desdobramentos principais: o reconhecimento da agressividade como componente da pulsão sexual e a possível conjugação do sadismo-masoquismo aos pares de opostos ativo-passivo, masculino-feminino, fálico-castrado. Sendo assim, pode-se falar em sadomasoquismo na medida em que estas polarizações são situadas por Freud como paradigmáticas da sexualidade em seu sentido ampliado. Em razão disso, Freud assinala a presença do sadismo e do masoquismo em um mesmo sujeito, com maior ou menor intensidade. Com efeito, observa-se aí uma dupla inscrição do conceito de masoquismo: na psicopatologia e no campo da sexualidade infantil, isto é, da disposição perversa polimorfa comum à constituição da subjetividade humana.

Nesse momento, para Freud, o masoquismo seria uma transformação do sadismo primário que se voltaria na direção do próprio Eu. Entretanto, Freud já insinua, na forma de interrogação, a possibilidade de um masoquismo primário. Essa questão, contudo, é deixada em aberto para ser digerida ao longo das próximas décadas. Além disso, Freud acrescenta, sem aprofundar-se, que o complexo de castração e o sentimento de culpa participariam de modo significativo das formações masoquistas. Adiante aqui, esses dois temas irão retornar, principalmente, em torno das fantasias de espancamento e dos masoquismos futuramente nomeados como feminino e moral.

Uma década mais tarde, em “*Pulsões e seus destinos da pulsão*” (FREUD, 1915) o sadismo e o masoquismo, ao lado do voyeurismo e do exibicionismo,

são os pares de opostos exemplares dos destinos pulsionais do redirecionamento contra a própria pessoa e da transformação no contrário. Vale lembrar, destinos situados aquém do recalque. No jogo sadismo-masoquismo, a mutação do sadismo primário em masoquismo aconteceria via redirecionamento da meta ativa para passividade e, ao mesmo tempo, ocorreria uma troca de objeto na qual este é substituído pela própria pessoa. Nota-se, portanto, uma convergência de ambos os processos.

Contudo, há duas etapas sucessivas dessa volta sobre si mesmo. Primeiramente, o próprio sujeito se faz sofrer, estilo típico dos autotormentos da neurose obsessiva. Em um segundo tempo, no masoquismo propriamente dito, o sujeito faz um pacto com outra pessoa que lhe provoca dor. Freud, inclui nesse cenário, a dimensão das identificações: e é por essa via que, no sadismo, “enquanto se infligem dores a outros, goza-se com elas masoquisticamente na identificação com o objeto que sofre” (Freud, 1915, p. 154).

Ainda na tentativa de elaborar o problema do prazer na dor, retomando algumas ideias dos seus “*Três Ensaio*”, Freud escreve:

Uma vez que a transformação em masoquismo tenha se completado, as dores se tornam apropriadas para servir de meta masoquista passiva, pois temos boas razões para supor que as sensações de dor, bem como as outras sensações de desprazer, transbordam para excitação sexual e produzem um estado prazeroso, em nome do qual o desprazer da dor também pode ser aceito. (FREUD, 1905, p. 154).

Esta metamorfose, como dito, ocorreria através do redirecionamento contra a própria pessoa e a transformação no contrário em função de um sadismo primário. No entanto, o referido transbordamento das sensações de dor na direção da excitação sexual não ultrapassa o nível descritivo. Ou seja, não é elaborada uma teorização profunda de tal processo. Deixemos isso em aberto, visto que esse tópico retornará em 1924.

Após o ensaio metapsicológico de 1915, podemos visualizar nas entrelinhas de alguns escritos de 1918 e 1919, uma trama essencial para perlaboração do

conceito de masoquismo. Nesse sentido, destaco a íntima associação entre “*O estranho*” (FREUD, 1919a), “*Uma criança é espancada*” (FREUD, 1919b) e a “*História de uma neurose infantil*” (FREUD, 1918). Através dessa costura introduzirei mais efetivamente o caso do Homem dos Lobos.

No texto “*O estranho*” Freud parte de um problema estético em torno de certas experiências peculiares. Inicialmente, opera um estudo linguístico minucioso da palavra *unheimlich* (estranho) e percebe que essa acaba por coincidir com seu pretense oposto, *heimlich* (familiar). Para avançar no problema, Freud investiga quais os elementos da narrativa fantástica de Hoffmann (1815/1987), “*O Homem de Areia*”, provocariam tais efeitos. Em linhas gerais, o fenômeno do *unheimlich* é concebido como uma forma de retorno recalcado bastante específica.

Apesar disso, outra janela é entreaberta nesse texto: há uma passagem na qual Freud associa o sinistro com a compulsão à repetição. Na sequência, descreve que essa compulsão à repetição expressa o caráter demoníaco das forças pulsionais. Deste modo, o terreno para a teorização de um *além* do princípio do prazer está em preparação.

Convergem com essa leitura, alguns fatos estranhamente inquietantes. O próprio texto sobre o *unheimlich* havia sido iniciado e abandonado em 1914, sendo retomado em 1919. O ano de 1914 é o mesmo em que é literalmente finalizada a primeira análise de Serguei Pankejeff, o Homem dos Lobos. Sua história clínica, ou melhor, a “*História de uma neurose infantil*”, porém, foi publicada por Freud apenas em 1918. Em seguida, em 1919 Serguei retorna à Freud para sua primeira reanálise. Neste mesmo ano, *Das Unheimlich* finalmente é impresso. Com efeito, o *unheimlich* e o Homem dos Lobos, em suas idas e vindas, convivem lado a lado na obra de Freud. Em ambos os escritos, a compulsão à repetição é causa de assombro e estranhamento.

Acrescenta-se a isso, o fato de que os repetidos sinistros do Homem dos Lobos são amplamente conhecidos e polemizados ao longo da história da psicanálise. Contudo, para além das controvérsias em torno da realidade da cena primária, da técnica ativa, das reanálises ou acerca de sua estrutura psíquica etc., coloco no centro dessa releitura a demoníaca alquimia entre suas formações masoquistas e a compulsão à repetição.

Adentremos agora no artigo “*Uma criança é espancada*” (FREUD, 1919b) para em breve reencontrarmos com os fantasmas do Homem dos Lobos. Sem dúvidas, este é um texto nebuloso, porém, repleto de questões essenciais para essa investigação. Início pelo subtítulo negligenciado até aqui “*uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*”. Freud utiliza, porém, fantasias infantis de seis analisandos neuróticos, quatro mulheres e dois homens, como matéria-prima para investigar a gênese das perversões. Aqui se faz valer a máxima da neurose enquanto negativo da perversão.

Freud, no entanto, não encontra em sua pesquisa um paralelo completo entre as fantasias das meninas e dos meninos. Ao contrário, depara-se com formações e estágios distintos. De qualquer forma, conjuga tais formações ao complexo de Édipo e destaca a versatilidade da arquitetura, conteúdo e significados das fantasias em ambos os gêneros. No entanto, enfatiza as fantasias das meninas, especialmente em sua segunda fase.

A primeira fase da fantasia nas meninas ocorre em uma época primitiva e gravita em torno da afirmação de que “uma criança é espancada”. Esta criança pode ser tanto um menino quanto uma menina e, de início, quem lhe bate é um adulto indeterminado. Adiante, essa figura vem a ser reconhecida nitidamente como o pai da menina. Então, Freud traduz o enunciado inicial por “meu pai está batendo na criança” e, em seguida, complementa “meu pai está batendo na criança que eu odeio”.

Conclui-se a partir disso, que haveria aí uma aliança onipotente com o pai contra os inconvenientes irmãos com quem tem de dividir o amor parental. Acontecimento que incide na ilusão de exclusividade narcísica. Deste modo, Freud acrescenta que está em jogo a ideia de que “meu pai não ama essa criança, ama apenas a mim”. Em relação ao conteúdo, Freud, hesitante, diz que a fantasia ainda não é claramente sexual nem sádica.

Na segunda fase, a fantasia funda-se na cena “estou sendo espancada pelo meu pai”. Freud enfatiza que essa cena é inconsciente, acompanhada de um alto grau de satisfação sexual e jamais é recordada. Ou seja, é uma construção operada na análise. Isto na medida em que o amor incestuoso tende ao fracasso através da ação do recalque e, por consequência, desperta o sentimento de culpa. Inclusive, a

fantasia se tornaria masoquista justo porque, nesse momento teórico, o sentimento de culpa seria um fator determinante na conversão do sadismo em masoquismo (assim, na primeira fase teria de haver um *quantum* de sadismo para ocorrer tal mutação). A fantasia de ser espancada pelo pai implicaria também num “não, ele [o pai] não te ama, pois te bate”.

Além disso, o rebaixamento regressivo para fase anal-sádica participa de forma decisiva na criação da fantasia: o sentido genital de “o meu pai me ama” é transformado em “o meu pai me bate”. Freud (1919b) aponta a esse respeito, que reside aí essência do masoquismo, visto que “*não se trata apenas do castigo pela relação genital proibida, mas o substituto regressivo daquela relação*” (FREUD, 1919b, p.205).

No terceiro tempo, a fantasia torna-se mais elaborada a ponto de constituir, em alguns casos, uma superestrutura narrativa. Em linhas gerais, a ideia é de que uma ou várias crianças (meninos, mais frequentemente) são espancadas ou humilhadas por um adulto indeterminado, talvez um professor. A autora da cena tende a declarar acerca de sua participação: “provavelmente estou olhando”. Observa-se assim, uma aproximação com a primeira fase tanto em razão da indeterminação do adulto que bate, quanto pela posição de expectadora da menina. Freud adiciona, porém, que nesse ponto a fantasia tornou-se sádica e que ocorre uma desconcertante e intensa satisfação masturbatória. Por fim, Freud (1919b) postula que os meninos espancados são substitutos da própria autora, indicando assim, o desejo daquela de ser menino.

Avançemos agora na direção das fantasias dos meninos. Como dito, não há um paralelo completo com as fantasias das meninas. Isto na medida em que já na primeira fase não há equivalência com as meninas (na qual uma criança rival é espancada pelo pai). Entretanto, o aspecto fundamental comum a ambos os casos, é a relação incestuosa com o pai. Nota-se ainda, a particularidade de que os meninos ocupam desde o início das fantasias uma posição passiva (FREUD, 1919b). É possível inferir a partir disso, uma predominância do, assim chamado, complexo de Édipo invertido.

Por essa via, Freud indica que nos casos de masoquismo perverso em homens adultos, há uma atitude feminina diante do carrasco-sádico, ao mesmo tempo,

a escolha de um objeto feminino é mantida, isto é, geralmente esse carrasco é uma mulher fálica. Assinalo aqui, o pacto sadomasoquista encenado por Severin e Wanda em *“A Vênus das Peles”* é um exemplo paradigmático dessa situação fantasmática.

Tais fantasias referem-se à cena “estou sendo espancado pela minha mãe”. Freud se vê surpreendido com o fato dessa fantasia poder vir a ser consciente. A partir disso, formula que tal construção tem de possuir uma fase precedente e inconsciente no qual o enunciado seria “estou sendo espancado pelo meu pai”. Por sua vez, essa cena possui o significado de ser amado pelo pai no contexto da regressão anal-sádica.

Deste modo, essa cena seria equivalente a segunda fase das meninas e, a fantasia consciente “estou sendo espancando pela minha mãe” corresponderia a uma pretensa “terceira fase” para os meninos. Entretanto, Freud deixa uma lacuna desconcertante no que se refere a fase inicial da fantasia dos meninos. Anteriormente já havia preparado o leitor para isto: queixara-se do material desfavorável dos casos masculinos e, em outra passagem, afirmou que os casos de masoquismo em homens se relacionam com “outra questão”, porém, sem nomeá-la. Uma nota de rodapé do editor aposta que essa “outra questão” seria a “base feminina” de tal fenômeno nos casos masculinos.

O FANTASMA DO HOMEM DOS LOBOS

Freud descreve sua amostra em *“Uma criança é espancada”* da seguinte maneira:

O presente estudo se baseia no estudo exaustivo de seis casos (quatro femininos e dois masculinos) [...] dois de eram casos de neurose obsessiva, um extremamente grave e inqualificável e o outro de severidade moderada [...] um terceiro que exibia traços de neurose obsessiva [...] o quarto caso, temos de admitir era de franca histeria [...] e o quinto paciente chegou à análise simplesmente por indecisão na vida (FREUD, 1919b, p. 198).

Nada nos é dito por Freud sobre o sexto caso! Vale interrogar a esse respeito: de que pode nos dar notícias esse lapso de escrita? Não é possível saber ao certo, mas algo se insinua aí nas entrelinhas. E, como que para sustentar o enigma, Freud não conjuga suas hipóteses diagnósticas aos gêneros dos analisandos citados. De todo modo, uma trilha inesperada nos conduz ao Homem dos Lobos ao lermos na “*História de uma neurose infantil*”:

É fato da maior importância que algumas fantasias contemporâneas de natureza bem diferente tenham surgido [...] o conteúdo dessas fantasias era e o de meninos sendo castigados e surrados, e, especialmente, levando pancadas no pênis. E, outras fantasias, que representavam o herdeiro do trono encerrado em um quarto estreito e surrado [...] o herdeiro do trono evidentemente era ele próprio, seu sadismo havia se convertido, portanto, em masoquismo. O detalhe do próprio órgão recebendo pancadas justificava a conclusão de que um sentimento de culpa que se relacionava com a masturbação (FREUD, 1918, p. 37).

Além dessa passagem, há diversas outras acerca do masoquismo no Homem dos Lobos, algumas delas, aliás, bastante intrigantes. Soma-se a isso, o fato de que o recorte citado se trata de uma fantasia de espancamento e foi publicado nas vésperas de “*Uma criança é espancada*”, porém, essa cena não foi incluída em tal estudo.

Talvez, isto se deva as complicações subentendidas nas variações da fantasia em jogo: o menino Serguei fantasia o castigo de outros garotos, teor que se aproximaria da descrição da terceira fase das fantasias das meninas. Bem entendido, Freud interpreta que o herdeiro do trono seria apenas um substituto do menino. Nas outras cenas, porém, se aplicaria esta mesma leitura ou poderíamos especular que a irmã apareceria travestida de menino? Levanto essa questão porque nas narrativas familiares Serguei já ouvira que ele deveria ter nascido menina, pois sua irmã é quem possuía o espírito de menino.

Outra particularidade que chama a atenção é a incidência de pancadas diretas no pênis e sua associação com a masturbação e o sentimento de culpa. Isto na

medida em que no texto de 1924, Freud dirá que a castração, “deixa nas fantasias suas marcas ao avesso, isto é, em negativo, pois neles é imposta a condição de que justamente os olhos e genitais não possam sofrer danos” (FREUD, 1924, p. 108).

Nada também nos é dito sobre quem bate nessas cenas. No entanto, a resposta parece vir em outra passagem acerca das *encenações* montadas pelo menino Serguei:

[...] as cenas de fúria encontraram um novo uso. Havia servido para fins sádicos ativos em relação à babá, em relação ao pai, o propósito era masoquista. Levando adiante sua rebeldia, estava tentando forçar castigos e espancamentos por parte do pai, e dessa forma obter dele a satisfação sexual masoquista que desejava. Os seus ataques e gritos eram, portanto, simples tentativas de sedução. [...] esse espancamento satisfaria também o seu sentimento de culpa. (FREUD, 1924, p. 39).

Entretanto, quem é efetivamente o personagem dessas cenas infantis?

Freud (1918) na “*História de uma neurose infantil*”, logo de início, destaca a incapacidade e a dependência em que se encontrava seu jovem analisando. Nesta época, Serguei já havia realizado peregrinações pela Europa em busca de tratamento para seus sofrimentos nervosos, consultando famosos especialistas tais como Krapelin e Ziehen, e estivera internado em sanatórios. Estes eminentes psiquiatras haviam diagnosticado uma psicose maníaco-depressiva. Em 1910, o russo de vinte e três anos inicia sua primeira análise na Berggasse 19.

Na escrita clínica Freud opera um deslocamento fundamental em sua construção do caso e, como indica o título, centra-se na neurose infantil de Serguei. Nesse contexto, suas hipóteses são de, primeiramente, uma histeria de angústia na forma de uma fobia animal e, depois, de uma neurose obsessiva de conteúdo religioso. Contudo, no final do historial clínico, Freud situa como primeira aparição neurótica, um distúrbio no apetite e, ao longo do texto, menciona as “crises de depressão” ocorridas desde a infância.

A respeito da atitude do analisando, Freud ressalta sua “amável apatia”, visto que ele “escutava, entendia e permanecia inabordável” (FREUD, 1918, p. 22).

Justo em razão desse impasse, Freud lançou mão de sua polêmica “técnica ativa” predeterminando uma data para o fim da análise (discutiremos algumas possíveis implicações adiante). Além disso, Freud destaca ao longo do texto, sua inteligência e aguda compreensão psicanalítica.

Todavia, Gay (1988), conta-nos que Freud escreveu à Ferenczi acerca de seu analisando: “na primeira sessão me confessou as seguintes transferências: [que eu era um] vigarista judeu, [que] ele gostaria de me usar por trás e cagar na minha cabeça.” Nota-se já aí, uma supercondensação de conteúdos centrais para o curso da análise.

É possível inferir que a expressão “vigarista judeu” se refere à problemática do dinheiro, especialmente no contexto familiar de divisão da herança paterna. E, não só ao longo dessa análise, mas da relação de Serguei com o próprio movimento psicanalítico, o dinheiro será uma questão persistente e polêmica, pois o Homem dos Lobos receberá uma coleta anual de Freud e seus discípulos.

Por sua vez, a fantasia de “usar por trás” remete-nos ao “*coitus a tergo*” da cena primária que Freud interpreta do sonho dos lobos. Esta se associa tanto à problemática da corrente libidinal homossexual quanto aos sintomas histéricos e obsessivos, em especial, a fobia dos lobos.

Além disso, o ato de defecação se apresenta tanto na suposta descarga excitatória na cena primária, quanto nos diversos sintomas intestinais de Serguei. Por fim, os pares de opostos ativo-passivo, sadismo-masiquismo, fálico-castrado e masculino-feminino, também parecem residir nas entrelinhas dessas “confissões transferências”.

Em função da intensidade que se pode visualizar nessa situação transferencial prematura, Chessegueet-Smirgel (1991) aponta um índice de psicose. Sabemos que em 1926, quando de sua análise com Brunswick, o Homem dos Lobos será entendido como num estado paranoia hipocondríaca. Já Green (1988) o situa como um caso fronteiroço.

De qualquer forma, como dito, Freud julga sua amostra de casos masculinos como desfavoráveis e enfatiza a análise dos casos femininos no estudo do masiquismo por meio das fantasias infantis de espancamento. É possível indagar: desfavoráveis em qual sentido? No caso particular do Homem dos Lobos, talvez

devido às complicações aí subentendidas, pois Freud fala de uma complexa imbricação das posições da libido e dos movimentos defensivos que caminham lado a lado, sem jamais serem abandonados por completo.

Em relação ao complexo de castração, Freud assinala a existência de três correntes: numa destas haveria o reconhecimento da castração (*Verdrängung*), noutra se manteriam as possibilidades de sua percepção e recusa ao mesmo tempo (*Verleugnung*) e, por fim, uma terceira e mais arcaica vertente em que a castração nem sequer teria sido levada em conta (*Verwerfung*). É precisamente deste último ponto que Lacan irá derivar seu conceito de forclusão.

Enfim, tanto em “*Uma criança é espancada*” quanto em o Homem dos Lobos, restam enigmas sobre o masoquismo. Quais formas de manifestação do masoquismo nas neuroses, perversões e para além destas? Dentre estes, como efetivamente a dor e o prazer se entrelaçam? Em que sentido, precisamente, se diz no meio psicanalítico, que o masoquismo é estruturante do psiquismo? No esforço de responder tais interrogações, avanço a na direção da reformulação do conceito de masoquismo operada por Freud *a posteriori*.

PROBLEMAS ECONÔMICOS E OUTROS MAIS (1920 E ALÉM)

Na virada teórica de 1920, o estatuto do masoquismo será revisado no conjunto do pensamento freudiano. O texto que marca essa reformulação é o “*Além do princípio do prazer*” (1920). Como dito, a noção de compulsão à repetição, já esboçada em “*O estranho*” (1919a), retorna aqui em seu caráter efetivamente demoníaco. E, se cruzam no plano de fundo, o fim da I Guerra Mundial e a reanálise do Homem dos Lobos.

É justo a partir dos sonhos traumáticos, cruamente vivenciados nas neuroses de guerra, e da brincadeira infantil do *Fort-Da*, que Freud inscreve a compulsão à repetição nesse contexto. No que se refere aos sonhos traumáticos, com certa ironia, afirma que talvez tivesse de apelar para “misteriosas tendências masoquistas do Eu²” (1920, p.140).

2 Hipótese que Freud já se insinuava em 1900, ainda tímida, em torno dos sonhos de punição e repetição.

A consequência mais imediata do estudo da compulsão à repetição é a inflexão que incide na soberania do princípio do prazer, isto é, ao repetirem-se vivências que jamais foram prazerosas. Ao mesmo tempo, a compulsão à repetição seria uma possível via para metabolização e enlaçamento das intensidades em jogo. Isto poderá ocorrer na passagem da passividade para atividade (conforme o modelo do brincar infantil).

Tudo isso leva Freud a reformulação de sua teoria pulsional, nomeando a partir disso, o derradeiro dualismo entre Eros e pulsões de morte. No esforço de fundamentar suas polêmicas teses, irá recorrer também a uma abordagem, como descreve Laplanche (1985), “metabiológica”. Não nos deteremos aqui nessa linha argumentativa.

Em suma, tudo aquilo que, por assim dizer, produz um “hipertexto” refere-se às pulsões de vida e sua ação se contrapõe a busca por um estado de ausência de tensões. Esta segunda lógica conduz a ideia de um retorno ao estado inorgânico almejado pelas pulsões de morte. Nesse contexto teórico, o ponto de vista econômico é fundamental, especialmente em razão da alquimia entre pulsões de vida e de morte, isto é, sua fusão e defusão em maior ou menor grau. Enfim, Freud construirá sua segunda tópica psíquica para acomodar essas e outras descobertas, assim como, a leitura psicanalítica dos fenômenos da clínica e da cultura terá seu alcance potencializado.

No que se refere ao tema específico do masoquismo, Freud (1920) costurando os “*Três Ensaios*” e seus escritos metapsicológicos, nos diz:

Naquela época, as observações clínicas nos impuseram a conclusão de que o masoquismo, que é uma pulsão parcial complementar do sadismo, devia ser entendido como um redirecionamento do sadismo contra o próprio Eu. Mas em princípio o que aqui se apresenta como nova questão, isto é, o movimento da pulsão a partir do Eu em direção ao objeto não é diferente do movimento da pulsão objetal em direção ao próprio Eu. O masoquismo, ou o redirecionamento da pulsão contra o próprio Eu seria então, na realidade, um retorno a uma fase anterior dessa pulsão, ou seja,

uma regressão. Entretanto, em um ponto a formulação sobre o masoquismo que apresentamos àquela época deveria ser corrigida por se mostrar demasiado limitadora, ou seja, além do masoquismo secundário que retorna ao Eu, poderia também existir um masoquismo primário que emana do Eu, embora naquele momento eu tenha contestado essa possibilidade.” (FREUD, 1920, p. 175).

Entretanto, é somente em “*O problema econômico do masoquismo*” (1924) que as consequências dessa revisão são elevadas à sua radicalidade teórica. Freud inicia esse escrito resgatando suas teorizações de “*Além do princípio do prazer*” e incluí o conceito de princípio de Nirvana forjado por Barbara Low. Nesse sentido, afirma que:

No curso do desenvolvimento dos seres vivos, uma modificação que transformou o princípio de Nirvana, associado à pulsão de morte, no princípio do prazer [...] Penso que não é difícil adivinhar de que força partiu essa modificação do princípio de Nirvana: só pode ter sido a pulsão de vida, a libido, que impôs sua coparticipação nos processos de vida..” (FREUD, 1924, p. 106).

Após essa realocação estratégica, Freud qualifica o masoquismo através de três denominações: *erógeno*, *feminino* e *moral*. O primeiro dentre esses, o prazer-derivado-da-dor, está na base das formações posteriores. Para compreendê-lo, Freud adverte que será preciso remeter-nos a fatores arcaicos. Então, relembra que “a excitação sexual surge como um efeito colateral de numerosos processos interiores” (FREUD, 1924, p. 108). Nota-se aí, um retorno implícito da teoria do apoio enquanto esforço de dar contornos ao insistente problema do prazer na dor.

Em síntese, a hipótese é de que após a ultrapassagem de determinados limiares quantitativos de tensão, há uma transposição que contribui para excitação sexual. Esses níveis de tensão gerados pela dor e pelo desprazer seriam acolhidos por um mecanismo de “*solidariedade excitatória sexual*”. A partir desse dispositivo fisiológico formar-se-ia psiquicamente o masoquismo erógeno. Contudo, Freud

reconhece essa explicação como insuficiente acerca da gênese desse masoquismo primário. Para avançar, Freud retoma as relações entre masoquismo e sadismo, assim como, entre Eros e pulsões de morte.

Por essas vias tortuosas Freud consegue propor que a libido, em seu surgimento, teria se deparado com a pulsão de morte já dominante nos seres vivos. Daí o trabalho da libido de “tornar inofensiva essa pulsão” (1924, p.109). Diríamos aqui, minimizar seus efeitos autodestrutivos. Enfim, é através do aparelho muscular que se “desviaria grande parcela da pulsão de morte para fora, dirigindo-a contra os objetos do mundo externo. Direcionada ao mundo externo, a pulsão de morte passaria então, a atuar como pulsão de destruição, pulsão de apoderamento ou vontade de exercer poder.” (FREUD, 1924, p. 109).

Não obstante, uma parcela da pulsão de morte não seria desviada desse modo. Sendo assim, ficaria retida no organismo e: “[...] com a ajuda da solidariedade excitatória sexual [...] entre dor e prazer, teria sido fixada libidinalmente. Ora, é essa parcela fixada que chamamos de masoquismo original e primário” (FREUD, 1924, p. 109).

A formação masoquista posterior, o masoquismo feminino é assim nomeado por Freud em virtude da sua associação com a condição típica do feminino de ser castrado, ser objeto de coito ou dar à luz. Por sua vez, o conteúdo manifesto das fantasias ou das encenações (atos reais) se referem a ser amarrado e amordaçado, dolorosamente surrado e açoitado, submetido à obediência servil, maltratado, sujado e humilhado.

Nesse cenário de procedimentos dolorosos e torturantes, o sentimento de culpa em torno de atos ilícitos marca presença incontestável. Freud propõe uma relação direta entre essa situação fantasmática e a masturbação infantil, hipótese já delineada no texto de 1919. É justo do sentimento de culpa que Freud derivará o masoquismo moral.

Nessa terceira formação, o masoquismo moral, há um afrouxamento daquilo é diretamente reconhecido como pertencendo à sexualidade e, além disso, a característica básica de que o sofrimento seja ocasionado por uma pessoa amada está ausente. Deste modo, importa ao masoquista o sofrimento em si, mesmo que ele seja “provocado por forças ou contingências impessoais” (FREUD, 1924,

p. 111). Em razão disso, suponho, Freud comenta que tal modalidade só foi apreendida recentemente, porém, lhe atribuí importância fundamental. Isto na medida em que a relaciona com a ação da pulsão de destruição redirecionada ao Eu. Por essa via, reconhece a incidência da pulsão de morte na tensão entre o Eu e o Supra-Eu postulada em sua segunda tópica (FREUD, 1923).

A partir disso, propõe uma substituição da controversa noção de “sentimento inconsciente de culpa” pelo conceito de *necessidade de punição*, no qual circunscreve a manifestação da reação terapêutica negativa. Nota-se nisso um retorno do fantasma de “*Arruinados pelo êxito*” (FREUD, 1916). Enfim, o fato é que Freud coloca o arranjo entre o sadismo do Supra-Eu e o masoquismo do Eu no centro do masoquismo moral. O Eu acossado pelas exigências do Ideal-de-Eu, inscrito no Supra-Eu, encontra-se exposto à severidade de julgamento deste último. A crueldade do Supra-Eu para com o Eu seria um efeito da dessexualização que incide na introjeção das imagos parentais na própria constituição do Supra-Eu (enquanto herdeiro do complexo de Édipo).

Dito tudo isso, pode-se tocar ideia de que o masoquismo seria estruturante do psiquismo (CONTE, 2002; CARVALHO; PERES, 2012; PAIM et al., 2011). Isto só pode ser afirmado na medida em que o masoquismo primário é erógeno e, em decorrência disso, há uma deflexão da pulsão de morte. Ou seja, trata-se de uma forma de lidar com as forças destrutivas das pulsões de morte. Daí o sadismo entrar em cena a serviço da sexualidade e o masoquismo participar do desenvolvimento das fases libído.

Este último aspecto se pode ver com nitidez na neurose infantil do Homem dos Lobos: desde seu horror de ser devorado (oral); a fantasia de ser espancado (anal) e o medo/desejo de ser castrado (fálica). Com Freud, é possível afirmar que tais formações derivam da cena primária, e, minha hipótese é que essa cena se encontra no centro do masoquismo no Homem dos Lobos.

5 A DISPOSIÇÃO MASOQUISTA E A CENA PRIMÁRIA

A partir do que escreveu Freud (1924), o masoquismo primário e erógeno é um tempo primordial da mescla entre Eros e pulsões de morte. Nesse sentido,

Freud (1924) nos diz, categoricamente, que o princípio de Nirvana precisou sofrer alguma incidência que o transformasse em princípio do prazer. Como dito, essa modificação se deve a ação da libido.

E, se entendemos com Freud (1905), que a pulsão sexual nasce no *infans* como efeito colateral das excitações e satisfações derivadas dos cuidados realizados por um adulto (erogenização), é possível levantar a seguinte problemática: o tempo inaugural do masoquismo erógeno e do autoerotismo coincidem? Ou então, o momento mítico desse masoquismo erógeno e primário seria a base necessária para o autoerotismo? Seria a erogenização do desprazer um destino pulsional arcaico? Ficam aí as provocações.

De forma esquemática, pode-se desenhar aqui a sequência: choro-seio-chuchar. Esta série pode ser traduzida, grosso modo, por: *choro* = necessidade/tensão/desprazer - *seio* = ação específica/satisfação/sedução - *chuchar* = autoerotismo. Bem entendido, se vê aí que tal passagem do autoconservativo para o psicosexual não se engendra sem o investimento libidinal de outro sujeito humano.

Nota-se a esse respeito, que o *infans* encontra-se numa situação de *passividade e excitação* diante desse outro, condições características do masoquismo (CONTE, 2002). Esta posição de desamparo do bebê é nomeada por Laplanche (2015), perspicazmente, de *situação antropológica fundamental*.

Em “*Pulsões e destinos da pulsão*” (FREUD, 1915) o autoerotismo se estabelece justo na volta sobre o próprio corpo através de um movimento reflexivo da pulsão. Por essa via, Conte (2002) coloca à disposição masoquista na base da sexualidade em razão da intrusão da sexualidade do adulto no infans. Lógica que não excluí aquilo que afirma Freud acerca de o masoquismo primário, por assim dizer, lidar com a pulsão de morte.

Em que tudo isso nos interessa acerca do masoquismo no Homem dos Lobos? Para conectar esses fios é preciso saltar agora na direção do quarto capítulo do historial clínico, “*O sonho e a cena primária*”. Após um laborioso trabalho de interpretação do sonho dos lobos, Freud (1918) anuncia:

Atingi agora o ponto em que devo abandonar o apoio que tive até aqui a partir do curso da análise. Receio que seja

também o ponto em que a credulidade do leitor irá me abandonar. O que entrou em atividade naquela noite, vindo do caos dos traços de memória inconscientes do sonhador, foi a imagem da cópula entre os pais. (FREUD, 1918, p. 48).

Nessa cena, a criança de apenas um ano e meio, que estava no quarto dos pais, teria despertado e testemunhado um *coito a tergo* (por trás), à moda dos animais. Daí Freud propõe a série associativa: “cena primária - história dos cabritinhos - anseio de satisfação sexual com o pai - inteligência da condição a ela relacionada, a castração - medo do pai” (FREUD, 1918, p. 59).

Freud entende que o efeito traumático do sonho se deu através da *reativação* da cena primária e das implicações desta, principalmente no que se refere ao complexo de castração e ao processo identificatório. As cenas de espancamento já citadas, indicam no caso do Homem dos Lobos as correntes incestuosa, passiva e masoquista em torno do complexo paterno.

Indo a fundo nessa perspectiva, proponho aqui que a cena primária pode ser entendida, na medida em que é uma fantasia originária, como protótipo das fantasias de espancamento. Nota-se que já nos “*Três ensaios*” (1905) Freud postula que aos olhos da criança o ato genital é visto como sádico. Mais do que isso, uma visão *sadomasoquista* pode ser inferida dessa situação. Um estudo aprofundado dessa hipótese talvez preencha as lacunas deixadas por Freud sobre a primeira fase da fantasia dos meninos. Ou ainda, pode conectar-se com a dita “outra questão” (o feminino) do masoquismo em homens.

No Homem dos Lobos, entre outras coisas, a identificação com a mãe na posição tida como masoquista, porém, com uma expressão de satisfação no rosto, nutrirá a vertente incestuosa e masoquista com o pai. Por sua vez, a sedução operada pela irmã, que toca no pênis do menino aos seus três anos e meio, o colocará de novo em uma condição de passividade e excitação. Encaixa-se aqui a mitologia familiar de que ele é quem deveria ter nascido menina.

Em contrapartida, na identificação com o pai e na corrente incestuosa com a mãe, o Homem dos Lobos somente obterá prazer, no futuro, com mulheres de

nádegas fartas e que ocupem a posição atribuída à mãe na cena primária. Além disso, essa corrente do Édipo positivo, irá se deparar também com a ameaça de castração proferida por sua Nãnia ao vê-lo se masturbar (“ferida no lugar do pênis”) e na cena com Grusha (criada que é vista limpando o chão “de quatro”). Esta trama converge na incidência da regressão anal-sádica que culminará na fase de neurose obsessiva.

Não obstante, há um aspecto que parece passar despercebido dos comentaristas do caso clínico: o *infans* estar *sufrendo de malária na ocasião da observação cena primária*. Freud comenta, inclusive, que o mencionado despertar teria ocorrido em razão da febre alta do bebê. Lançarei algumas hipóteses acerca dos efeitos econômicos disto.

Aquém das problemáticas da castração e da homossexualidade associadas à cena primária no caso do Homem dos Lobos, é possível incluir outros fatores. Dentre esses, a intrusão da sexualidade do casal parental no delicado psiquismo do *infans*, configurando uma intensidade potencialmente traumática. Soma-se a essa situação, um sério estado de doença orgânica. Com efeito, é possível atribuir o colorido dos desejos incestuosos a um desenvolvimento psicosssexual posterior, visto que na ocasião presumida, tal experiência possivelmente tenha sido de intenso desprazer devido às circunstâncias em que se deu.

Vale lembrar que, diante da dor, o princípio do prazer é colocado fora de ação (FREUD, 1895; 1920, NASIO, 2007). É precisamente este o problema econômico do masoquismo e, diante disso, Freud afirmou a existência de um masoquismo primário e erógeno como forma de minimizar os efeitos das pulsões destrutivas via libidinização. Como dito, um resto não expulso através do sadismo permaneceria fixado no interior do sujeito. Recordemos ainda, no período da infância primitiva predominaria o destino do retorno sobre si mesmo.

Com efeito, a observação da cena primária poderia ter produzido um incremento desse mecanismo no *infans*, isto é, da disposição masoquista. Isto, porém, na melhor das hipóteses, pois ao considerarmos a intensidade da própria cena e a presença insidiosa de uma doença orgânica grave, simultaneamente, é provável a permanência de um resto não enlaçado e metabolizado nem mesmo pelo masoquismo erógeno. Ou seja, alguém do princípio do prazer.

Na análise, Serguei recorda da história que lhe foi contada na infância, sobre sua mortalha já estar pronta quando ele era bebê e havia adoecido gravemente. É digno de nota o fato de que o Homem dos Lobos chaga a Freud após uma crise desencadeada por uma *gonorreia* e que, em 1926, Freud o encaminha para análise com Brunswick devido aos sofrimentos em torno de uma intervenção médica que, no seu imaginário, teria lhe mutilado o nariz. Daí surgirá o diagnóstico de paranoia hipocondríaca³.

Retomando: Freud não ignora os efeitos da malária na subjetivação do Homem dos Lobos, indicando conexões com os sintomas obsessivos, principalmente em torno do ritual de inspiração do Espírito Santo e expiração dos maus espíritos (que ocorria diante da visão de aleijados e mendigos). Freud aponta que em russo, “respiração” e “espírito” são a mesma palavra e que o pai de Serguei, quando adoecido e internado em um sanatório, seria o protótipo dos enfermos e miseráveis.

Em razão desse conjunto, Freud (1918) afirma que a determinação de não ficar como os aleijados é a antiga identificação com o pai negativada. Por outro lado, estava imitando a respiração do pai na cena primária. Por fim, acrescenta: “o recalque havia convertido essa respiração num mau espírito, o qual tinha também outra genealogia: a malária de que estava sofrendo na cena primária” (FREUD, 1918, p. 76).

Seguindo o modelo freudiano, proponho aqui uma série complementar: malária - cena primária - maus espíritos - demoníaco pulsional - formações masoquistas. Quem sabe se possa “linkar” o emaranhado contido nessa série com os termos utilizados por Freud (1918) acerca do sonho e da cena primária: “o que entrou em atividade naquela noite, vindo *do caos dos traços de memória inconscientes* do sonhador, foi a imagem da cópula entre os pais” (FREUD, 1918, p. 48).

Talvez possamos também conjugar essa passagem em com um trecho de “*Além do princípio do prazer*”, no qual Freud (1920) comenta a tendência infantil de exigir a repetição das histórias narradas pelos adultos, assinalando que “ne-

³ Destaco a esse respeito, o fato de que os sofrimentos do corpo são colocados em cena constantemente nos sintomas do Homem dos Lobos, principalmente no tocante ao problema da castração. A paranoia em torno do nariz, um substituto do falo, lembra o episódio alucinatório, onde o menino Serguei, ao talhar uma noqueira (mesma árvore do sonho) com um canivete, vê um de seus dedos decepado (substituto fálico), pendurado apenas por um fio de pele.

nhum desses fatos contradiz o princípio do prazer, pois fica evidente que a repetição, no sentido de reencontrar a identidade, constitui por si mesma uma fonte de prazer” (FREUD, 1920, p.159), mas, logo após, oferece um contraponto:

Já no caso dos analisandos, fica claro que a compulsão a repetir na *transferência* os acontecimentos do período infantil de sua vida se *sobre põe* ao princípio do prazer em todos os sentidos. O doente, nesse caso, age de maneira completamente infantil e assim nos revela que os *traços recalçados* das lembranças de suas primeiras experiências psíquicas não estão disponíveis em estado de enlaçamento e fixados; assim, até certo ponto, esses traços estão incapacitados a operar no processo secundário. É também graças a ausência de enlaçamento que os *traços de lembranças arcaicas têm a capacidade de aderir aos restos diurnos e formar uma fantasia de desejo* a ser representada no sonho. (FREUD, 1920, p. 159, *grifo nosso*).

É desconcertante que o pretenso contraponto venha a desembocar na formação da fantasia de desejo. Todavia, Freud afirma que a compulsão à repetição “se *sobre põe* ao princípio de prazer”, o que é bem diferente de afirmar que há uma exclusão mútua. De todo modo, adentrarei por etapas nessa hermética passagem. No próximo subitem, relançarei a discussão no cenário da transferência do Homem dos Lobos com Freud.

Antes disso, contudo, levanto aqui o problema de saber se os traços de memória de que Freud fala são inscrições anteriores ao recalque ou se se referem justo a tal processo. O uso da expressão “traços recalçados” fomenta aqui essa dúvida. Dado o contexto, pode ser que haja uma utilização inespecífica dos termos, estando em jogo, de fato, registros aquém do recalque.

Isto porque o início da passagem visa denotar uma contradição no princípio do prazer e, em seguida, Freud fala das primeiras experiências psíquicas (arcaicas). Sendo assim, remeto essa passagem aos *traços mnêmicos* da Carta 52 (FREUD, 1896), visando colocar em pauta a ideia de *inconsciente não-recalcado*.

De qualquer forma, conjugando esse trecho obscuro de “*Além do princípio do prazer*” com o caso do Homem dos Lobos, os traços arcaicos da cena primária

poderiam aderir ao material posterior na formação do sonho. Isto oferece sustentação a hipótese de uma “recordação” (reativação) da cena primária através do sonho. Mesmo que por meio de uma recordação sem lembrança (PAIM, 2015). Persiste, porém, a dúvida acerca de se está em cena algo da ordem do desejo ou da compulsão à repetição para além do princípio do prazer. Encaixa-se nesse contexto, a noção incluída por Freud no trecho mencionado, de *sobreposição*. Aliás, esse é o mote de o Homem dos Lobos.

De tudo isso, podemos extrair algumas ideias principais: 1) a cena primária pode ter tido o efeito de incremento da disposição masoquista; 2) ao mesmo tempo, haveriam restos dessa experiência fora dos domínios do princípio do prazer; 3) a malária pode ter contribuído economicamente para isso; 4) por fim, os traços arcaicos teriam retornado no sonho dos lobos como uma “memória sem lembrança” e, depois, na transferência na forma de compulsão à repetição.

É nesse campo que talvez se possa esboçar uma compreensão dos destinos do masoquismo no Homem dos Lobos.

DOMINAÇÃO MASOQUISTA

A hipótese de uma dominação masoquista se refere ao âmbito da transferência.

Na “*História de uma neurose infantil*” é nítida a relação estabelecida por Freud entre masoquismo e fantasias de espancamento, assim como, com a neurose obsessiva. Operando uma leitura retroativa, se pode visualizar nessas formações dos masoquismos feminino e moral, respectivamente. No entanto, como há um deslocamento para neurose infantil na narrativa freudiana, a incidência desses fantasmas na situação transferencial fica, no mínimo, eclipsada.

Contudo, há pistas e janelas entreabertas. Dentre essas, as já citadas “confissões transferenciais” e a descrição que Freud faz da atitude de seu analisando no início do caso clínico, em razão da qual lança mão da “técnica ativa” ao determinar uma data para o fim da análise. Olhemos agora para este segundo tópico.

O Homem dos Lobos, a despeito de aderir à regra fundamental da psicanálise e de sua amável atitude, ficou entrincheirado durante os primeiros anos da

análise. De um lado, insinua-se aí sua obediência servil à figura paterna e, por outro, tal atitude convoca a atividade da dessa figura paterna sobre si.

Freud, coerentemente, afirma que seria imprescindível sustentar a data do fim da análise sem abrir concessões para manter sua credibilidade com o analisando. É nesse sentido que faz a famosa afirmação de que “*o leão só salta uma vez*”. Entretanto, um fato notável corre nas entrelinhas, pois poucas páginas antes dessa passagem há outra narrativa onírica do menino Serguei que envolve a figura do leão:

Certa vez, quando tinha sete ou oito anos, foi informado de que no dia seguinte chegaria um tutor novo para ele. Nessa noite, sonhou com o tutor na forma de um leão que vinha em direção à sua cama, rugindo ruidosamente e com a postura do lobo da gravura; e outra vez acordou em estado de ansiedade. A fobia ao lobo fora superada nessa época, de modo que estava livre para escolher um novo animal que causasse ansiedade e, nesse último sonho, estava reconhecendo o tutor como um substituto do pai. (FREUD, 1918, p. 50).

Ligando esses fios, pode-se inferir daí uma atuação dos fantasmas edípicos na cena transferencial, ou melhor, nessa encenação. Seguindo o *script*, é como se Freud estivesse no lugar do pai que bate na criança, “castigando-a” com o fim da análise. Nada há de incomum aí, seja nesse endereçamento, seja numa repetição derivada do fato de encontrar-se implicado no enredo. O que nos interessa aqui é aquilo que resta e que se repetirá futuramente.

Em “*Análise terminável e interminável*” (1937) Freud introduz sua discussão justo através do problemática do encurtamento da análise do Homem dos Lobos. Vale ressaltar, nesse escrito Freud questiona a eficácia não só de tal abreviamento da análise, como da análise em si. A respeito do primeiro tópico, chega a nomeá-lo como um “artifício de chantagem”, mas deixa a questão em aberto e situa o problema em termos do tato do analista. Acerca do segundo aspecto, afirma que havia se enganado sobre a cura radical e permanente de seu analisando. Enfim,

reconhece o incidente paranoico descrito por Brunswick em 1926. Sobre isso, Freud fala em *restos transferenciais* que teriam permanecido não elaborados.

Precisamente a esse respeito é que se pode inferir um retorno da cena primária e seus desdobramentos no sonho e, posteriormente, na transferência. Quero dizer, há aí uma passagem da passividade para atividade tanto no trabalho do sonho quanto no convite transferencial para essa encenação em torno da ideia de que “o leão só salta uma vez”. Com efeito, o Homem dos Lobos se coloca ativamente na posição passiva. Recordemos aqui das cenas da infância em que provoca seu pai a espancá-lo. É como se, por assim dizer, Serguei cutucasse o leão com vara curta...

Nesse contexto duas leituras paralelas podem ser operadas: por um lado, há uma tentativa de enlaçamento e elaboração da experiência traumática e, de outro, apresenta-se a incidência de uma *dominação masoquista*. Em torno desse segundo tópico, resgato aqui o tema do dinheiro: Freud encurta a análise e com isso, junto com o movimento psicanalítico, é quem irá pagar uma coleta anual ao Homem dos Lobos.

Deste modo, a resistência nomeada por Freud de entrincheiramento e de amável apatia, resultou numa análise terminada e interminada para Serguei, pois este seguirá até o fim da vida em diversos tratamentos, inclusive por demanda de entusiastas americanos que iam visitá-lo periodicamente na Europa. Mais do que isso, seguirá até o fim da vida queixando-se dos abusos de tais analistas, embora siga tomando suas decisões somente após consultá-los (OBHOLZER, 1993). Ambos os lados parecem, cada um a seu modo, *pagar* um alto preço por esse sintoma.

Talvez resida nessa trama uma espécie de contraponto masoquista em relação à dominação sádica. Em outras palavras, aquele que ativamente se oferece como objeto passivo pode encontrar-se na posição imaginária de *diretor da cena*, utilizando-se aqui uma analogia cinematográfica.

Aliás, vale evocar uma sequência do filme *Ninfomaniaca*, de Lars Von Trier (2013), em que isso é bastante nítido: Joe, em sua busca incessante, aceita o contrato do sádico “K” e passa a frequentar seu “estúdio” num subsolo. Na primeira cena de tortura, Joe grita já quando K ergue o chicote para o primeiro golpe. Este a repreende dizendo que deve gritar só quando for de fato açoitada. Quando a se-

quência de golpes se inicia, Joe se mantém em silêncio. K bate com cada vez mais força e seu desespero por não fazê-la gritar é visível em sua face então perturbada. Seu método não causou o efeito esperado e Joe é quem fica na posição dominante e, com isso, sai triunfante da cena.

No historial clínico, Freud conta que toda vez que um sintoma era compreendido analiticamente ao invés de diluir-se, aumentava em intensidade. Deste modo, o sintoma era defendido obstinadamente pelo analisando, que por meio disso, “triumfaria” diante do método e dos esforços de Freud. Ou seja, o Homem dos Lobos se agarrava ao seu estado de sofrimento e se mantinha inabordável, como diz Freud já nas primeiras páginas.

Nisto está posta a problemática do masoquismo para clínica psicanalítica. É nas linhas de “*Análise terminável e interminável*”, após décadas sem um escrito técnico e no qual as análises do Homem dos Lobos são revisitadas, que Freud realiza uma costura implícita com “*O problema econômico do masoquismo*” (1924). Com efeito, situa nesse texto o masoquismo como um indicador inequívoco da presença da pulsão de morte, isto por meio das figuras da reação terapêutica negativa e da necessidade de punição.

Com efeito, o masoquismo é, em suas diferentes roupagens, peça-chave para os destinos da clínica, pois é o outro nome da compulsão à repetição e da destrutividade. Paradoxalmente, é a forma primeira do psiquismo de lidar com o demoníaco pulsional, daí sua função estruturante.

INACABAMENTOS

A título de síntese, retomo aqui, grosso modo, os pontos centrais desse ensaio. Após trilhar os tortuosos caminhos do masoquismo na obra freudiana, lancei a hipótese de que a cena primária do Homem dos Lobos, conforme a construção freudiana, teria possivelmente um efeito de incremento da disposição masoquista. Isto devido não só a reação em torno do complexo de castração, que se desenrola *a posteriori* no sonho dos lobos, mas também como um dos efeitos da intrusão da sexualidade parental e da vulnerabilidade econômica do *infans* que sofria de malária.

Em seguida, o masoquismo marca presença na formação das neuroses infantis, especialmente nítido na fase obsessiva. Além disso, aparece no centro das fantasias de espancamento rememoradas na análise com Freud e que situei em relação ao texto de 1919. Vemos nessas formações os masoquismos feminino e moral, os quais podem ser nomeados, com Freud, de masoquismo secundário ou propriamente dito, em função do movimento de retorno sobre si mesmo. O masoquismo erógeno, enquanto masoquismo primário seria o tempo mítico-hipotético da fusão entre Eros e pulsões de morte. Deixei em aberto a relação disso com a fundação do autoeretismo.

No que se refere às particularidades da análise com Freud, lancei a hipótese de uma sedução masoquista que configuraria, paradoxalmente, uma espécie de *dominação masoquista* que incidiria na cena transferencial. Nesse contexto, o Homem dos Lobos, imaginariamente, se veria na posição de *diretor da cena*.

Essa lógica parece ser transposta e potencializada na relação estabelecida entre o Homem dos Lobos e o movimento psicanalítico. Sobre isso, Quinet (2006) discute o fato de Serguei passar a assinar suas cartas como *Wolfsmann* e a apresentar-se nos círculos psicanalíticos deste mesmo modo. Formulando daí o delírio de ser o analisando preferido de Freud e de que, o montante financeiro que recebia tratava-se de uma indenização por Freud “ter feito” com que perdesse sua fortuna, assim como, pelos males que Freud e outros analistas teriam lhe causado.

Depois das análises com Freud, surge na análise com Brunswick uma espinhosa problemática: a paranoia hipocondríaca. A esse respeito, proponho um retorno a “*Uma criança é espancada*”: referindo-se ao masoquismo inconsciente, Freud diz que aquelas pessoas que abrigam tais fantasias de espancamento desenvolvem uma sensibilidade e irritabilidade especial contra quem quer possam colocar na categoria *pai*. Esta oposição, frequentemente, convocaria ao efetivo castigo por parte dessas figuras paternas. E, então complementa: “*não me surpreenderia se algum dia fosse possível provar que a mesma fantasia é a base do delirante espírito litigioso da paranoia.*” (FREUD, 1919b, p. 210).

Mais do que isso, Freud (1918) na própria “*História de uma neurose infantil*” faz uma conexão direta entre o Homem dos Lobos e o paranoico Schereber (FREUD, 1911), isto é, acerca da posição passivo-feminina de ambos diante de

Deus (complexo paterno). Além disso, encontramos em Enriquez (1999) um estudo teórico-clínico das afinidades eletivas entre o masoquismo e a paranoia o qual poderia ser posto em relação com as hipóteses que venho esboçando. Seria esse um dos destinos ou transformações do masoquismo no Homem dos Lobos?

Retornaria na hipocondria do nariz mutilado o episódio alucinatório da infância do dedo decepado? Seria essa a *ferida* não cicatrizada da castração? Ou ainda, a *sutura* descosturada e os pedaços necrosados de que Freud se valeu em “*Análise terminável e interminável*” (1937) para comentar o destino do Homem dos Lobos?

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BRUNSWICK, R. M. Suplemento a la “Historia de una neurosis infantil”. In: GARDNER, M. **El Hombre de los Lobos**. Buenos Aires: Artes Gráficas Santo Domingo, 1983.

CHESEGUET-SMIRGEL, J. Ética e estética da perversão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

CARVALHO, R. R. P.; PERES, R. S. O masoquismo na obra de Freud. **Letra Freudiana**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 144-155, 2012.

CONTE, B. **Prazer e dor: o masoquismo e a sexualidade**. Porto Alegre: Criação Humana, 2002.

ENRIQUEZ, M. **Nas encruzilhadas do ódio: paranoia, masoquismo, apatia**. São Paulo: Escuta, 1999.

FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 1).

_____. (1896). Carta 52. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 1).

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 7).

_____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 12).

_____. (1915). Pulsões e destinos da pulsão. In: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

_____. (1916). Arruinados pelo êxito. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 14).

_____. (1918). História de uma neurose infantil. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 17).

_____. (1919a). O estranho. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 17).

_____. (1919b). Uma criança é espancada. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 17).

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

_____. (1923). O Ego e o Id. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 19).

_____. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. 206 p. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).

- _____. (1937). Análise terminável e interminável. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 23).
- GAY, P. (1988). **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GREEN, A. **Sobre a loucura pessoal**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- HOFFMANN, E. T. A. O. (1815). Homem de areia In: HOFFMANN, E. T. A. **Contos Sinistros**. São Paulo: Max Limonad, 1987. Falta paginação.
- KRAFFT-EBING, R. V. (1886). **Psychopathia sexualis** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- NASIO, J-D. **El dolor físico**. Barcelona: Editorial Gedisa S.A., 2007.
- NINFOMANÍACA II. Direção e roteiro de Lars von Trier. Produção de Louise Vesth, Dinamarca, Zentropa Entertainments, 2013. 1 DVD.
- OBHOLZER, K. **Conversas com o homem dos lobos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- PAIM, I. et al. Solidariedade-excitatória-sexual: um conceito metapsicológico? **Revista do CEPdePA**, v. 18, p. 97-111, 2011.
- PAIM, I. Serguei Constantinovitch Pankjeff: uma estranha memória sem lembrança do homem dos lobos. **Revista de Psicanálise da SPPA**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 407-422, 2015.
- QUINET, A. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SACHER-MASOCH, L. (1870). **A Vênus das peles**. São Paulo: Hedra, 2015.